

# 1ª Parte

---

Estudos

## Confronto de idéias

(O pensamento do intelectual cearense em dias de guerra)

Eduardo Campos

“Era o terceiro ataque e não havia mais esperança em salvá-lo”. Assim começa o conto “Duas Irmãs”, de James Joyce, narrativa do livro *Dubliners*, inserta na *Revista Clã*, em tradução de Braga Montenegro, a atualizar o gosto literário de Fortaleza.

Os anos quarenta geram-se em tempo conturbado, de guerra; mas o Ceará, animado de esperanças abre espaço ao I Congresso de Poesia. O conclave instalou-se, começou... e não teve sessão de encerramento. A respeito, escreveu Artur Eduardo Benevides: “O Congresso nunca foi encerrado e ficou como que funcionando até hoje (1948), principalmente porque a Poesia é o nosso bégúine.”

Fran Martins, em 1948, revelará para os leitores de *Clã* a atualização do brilho da literatura francesa, a agendar para os leitores os autores que certamente continuam a escrever com acentos de grandeza literária, quais os que o Ceará, pelos seus intelectuais tradicionais, se acostumava a ler. Dessa forma o autor de *Poço de Paus* nomeia Sartre (não tardaria visitar o Ceará), Daslloz, Cassou, Vercors, Aragon, Pierre Emanuel, Camus.

O Ceará, depois do Congresso, torna-se menos provinciano. Expande-se. Dias pós-guerra, já em 1948, com o magoado poeta Aluízio Medeiros: “Estamos no túnel. Agora estamos no túnel e não há luz. Existe somente a escuridão”.

A geração de quarenta, começa a suceder aos que antes administravam a cultura, mudança que não se processa sem reações de insatisfação, enquanto os novos ganham voz no conto, no romance, no drama, na poesia e ensaio. Novos livros, mais exposições de pintura...

Tudo se fazia a desejo de inovação, um tudo animado de muita seriedade, conquanto não descartados equívocos e erros. Eu próprio propunha, em teatro, o amargo da vida e a esperança pela luz ao final do túnel, lembrado pelo poeta, fazendo transitar no palco, em encenação de vanguarda, audaciosa, personagens que se antagonizavam. Era a vez de “O Demônio e a Rosa”, a primeira obra a abrir a relação de quantos livros acabariam sendo publicados, a partir de 1947, em *Clã*.

Mas a problemática da cultura, do pensamento podemos dizer, moderno, não estava ainda recepcionado por aqueles, de mais idade, que, no Ceará dessa época, usavam a pena e a reflexão, senão vejamos.

Em meados da década de 1940-1949 o articulista e também crítico literário Abdias Lima, bastante interessado nos rumos da aplicação das letras, no Estado, promoveu a enquete subordinada ao título: **Falam os Intelectuais do Ceará**, e o próprio autor da iniciativa, em palavras de prefação, alude aos anos de 1944 e 1945; indicativos importantes para a nossa análise, período em que se desenvolveu seu meritório trabalho, e, a tanto, a esclarecer: “O mundo estava mergulhado em sangue...” (ob. cit., p. 7).

Aí mencionado que, infelizmente, pelo menos dois intelectuais, se negaram a responder às perguntas do entrevistador, e dentre aqueles os poetas Antônio Girão Barroso e Silveira Filho, fato lamentado pelo autor e secundado agora por nós.

Em rigor tudo nos levava a crer, diante do texto de “Falam os Intelectuais do Ceará”, que, à época, os de Clã, por exemplo, mostravam-se mais sensíveis às transformações que se operavam, no país e no exterior, em plano cultural.

Via de regra, no ciclo dos escritores, poetas e homens de inteligência desses idos, infelizmente funcionava a desinformação quanto à evolução literária em curso tanto no Brasil como no exterior. Forte a posição possivelmente preconceituosa – dos mais vividos, grupo de indivíduos que se destacavam na sociedade cearense, em vários setores, e que, de pretéritas, como se nada houvesse restado de positivo com o movimento modernista, eclodido em 1922.

As entrevistas concedidas a Abdias Lima, ora resgatadas para essa apreciação, mostram claramente o pensamento intelectual nada receptível às modificações que se anunciavam. Por esse diapasão, o Professor Luís Sucupira sugeria ao entrevistador não entrarem, em seu hábito de leitura, os livros do escritor Érico Veríssimo. De autores nacionais, acrescentou nesse instante, só “tolerava” Tristão de Athayde e o padre Leonel Franca. A seu entender continuava importante a “contribuição dos autores franceses”: “Em todos os ramos do saber só a França vence. O resto é ancilagem ou cópia, como sucede conosco”. (ob. cit., p. 44)

Outro educador, dessa vez filólogo Martins de Aguiar, considerava “não ser boa” a atual (de 1946) literatura cearense”, por que não campeou nunca tão livremente a ignorância. “Dos escritores do momento, no Ceará, destacou Fran Martins, “à medida que se afasta das escolas malsãs (?)”... (idem, p. 47).

Nomeia como exemplo, no exercício poético, Cruz Filho e Silveira Filho, e se detém em elogio maior a Pompeu Sobrinho.

Outro mestre, conhecido latinista, Hermínio Araújo, seguramente dos entrevistados quem ocupa o maior espaço no livro, a reincidir à larga em igual azedume contra os autores que despontam. Desinformado, mas contundente: “Não tolero, por isso, essa imbecilíssima coisa que se rotula de futurismo, alfobre de todas as mediocridades, mais charras e curtas, com pretensões de batráquios a homens de letras...”

Adiante menciona: “Quanto ao caso particular do Ceará, nem é bom que se ponha o pé a esse terreno. Porque nunca houve movimento literário aqui. Toda a nossa atividade literária cinge-se, de fato, à prosa das rodas maledicentes dos cafés...” (idem, p. 56).

Para o médico e intelectual Saraiva Leão não se apresenta diferente a literatura do Ceará pelos anos quarenta. “Não se compreende a apatia, o estacionamento, a parada da literatura atual. Não faltam cabeças” – alude – “As letras é que carecem de estímulo, vontade, de amor. Trocam-se os livros pelos desportos! O corpo tem mais direitos que a cabeça! A massa afoga a essência.”

Em razão disso, a literatura que aplaudia ainda estava firmada “em nomes já feitos como Leonardo Mota, Cruz Filho, Andrade Furtado, Mozart Pinto, Martins Rodrigues, Júlio Maciel, Martins de Aguiar, Filgueiras Lima, Otávio Lobo, Jurandir Picanço, Aderbal Sales, Luís Sucupira e mais alguns.”

Dos vinte e três que participam da enquete, apenas três, coincidentemente, são do grupo Clã, e esses os que refletem a percebível evolução do pensamento literário. Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro (o mais vivido dos ora citados) e eu, comparecemos ao questionário a lembrar autores que, aparentemente, não pareciam ainda notados pela considerável maioria dos demais entrevistados.

Coube-me, no que me diz respeito, referir a Pirandello, Lawrence, Somerset Maugham, Thomas Mann, enquanto o poeta Artur Eduardo Benevides destacou, na mesma oportunidade, Romain Rolland, Huxley, Morgan, Cronin,

Ao crítico literário e contista Braga Montenegro, que já empalmará prêmio como seu livro *Uma chama ao vento*, além de sublinhar alguns nomes quais os já referidos, ocupou-se de autor excepcional, bastante discutido à época, Joyce, sem esquecer Gide – escritor que ele, Braga Montenegro, lia no original, e o já lembrado Huxley, a se impor na Europa com romances de

conflitos e densidade psicológica, um desses já incorporado à indústria cinematográfica (“No fio da navalha”).

Na série de entrevistas chama a atenção o depoimento de Florival Seraine, médico e vigoroso estudioso da dialetologia, destacando conhecer a “Nouvelle Revue Française” – revista também já lida no Ceará pelo poeta Afonso Banhos, publicação enriquecida com as colaborações de Gide, Proust, Thomas Mann, Aldous Huxley, Ramon Fernandez etc., etc. (ob. cit., p. 73).

“Os autores prediletos”, para a maioria dos entrevistados, com renome internacional são Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Ernesto Renan, Flaubert, Maupassant, Anatole France, Dostoievski, Tolstoi, Blasco Ibanez, D’Annunzio – como se pode deparar às declarações do poeta Cruz Filho. O declarante conclui, informando, sem nomear, que também lê “alguns contemporâneos”.

Em verdade, no caso do prof. Hermínio Araújo, a impressão repassada é a de que o entrevistado não deixou nem deixará a leitura de seus autores mais aplaudidos, nesse caso, Chateaubriand, Renan, Flaubert, Anatole, Hugo e Balzac.

Outro ponto a considerar nessa avaliação, passados tantos anos, é o sentimento de repulsa e até mesmo de beligerância contra os que se inauguram nas letras, nos anos quarenta, e vão às livrarias, revistas e jornais, com novas idéias. Dessa forma percebido o clima de contundência em algumas observações dos depoentes.

Em Hermínio Araújo está dito: “...a julgar pelo mérito das obras publicadas, os escritores e poetas de hoje em dia, no Ceará, que vale a pena de menção? E os que nem têm asas para voar, como certos parvos que vemos atolejar-se no lodaçal, onde só põem o focinho de fora, quando é para impingir-nos por ouro de lei pechisbeque da sua “droga futurista”, num arranque fruste de imbecilidade que “posa para a posteridade”. (ob. cit., p. 57).

Dos setenta e oito participantes do I Congresso Cearense de Escritores, que se instalou a 7 de setembro de 1946, apenas 7 foram recenseados por Abdias Lima para as entrevistas de *Falam os intelectuais do Ceará*: Joaquim Alves, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, Braga Montenegro, Afonso Banhos, Moacir Aguiar e Cruz Filho. Portanto, em maior número ficaram excluídos do conclave os que, de modo bastante significativo, não quiseram aderir à discussão das instigantes idéias do temário subordinado à posição que deveria assumir o escritor, por exemplo, “em face da literatura”, “em face do meio”, “em face do mundo. Nem mesmo o item que propunha analisar a posi-

ção do “escritor face das modernas correntes filosóficas”, conseguiu sensibilizar a João José Cavalcante e Francisco Hardi, dois entrevistados forrados de bons conhecimentos filosóficos.

Coube a um escritor da velha guarda, do nível de Dolor Barreira, diferente de seus contemporâneos de mesma idade e exercício literário, destacar a efervescência do movimento editorial à época: “As publicações pululam. No domínio da pura arte literária, hajam vista: *Os hóspedes*, poesia, de Otacílio Colares, Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides; *A criança vive*, romance de Jáder de Carvalho; *Noite feliz*, contos de Fran Martins; *Face iluminada*, contos de Eduardo Campos. Acha-se no prelo, devendo sair por esses dias, *Uma chama ao vento*, contos de Braga Montenegro, premiado no concurso aberto em 1945 pela “Livreria Aequitas”. etc, etc. (“Afirmção”, p. 30).

Não obstante os anos de guerra, de truculência no mundo, Fortaleza, com pouco mais de 180.000 habitantes, estava sempre interessada nas manifestações culturais. Em 1944 não faltavam conferencistas a expor suas idéias, intelectuais e pensadores do porte, por exemplo, de Luís Sucupira, habitualmente chamado a discursos e reflexões de fundo religioso. Filgueiras Lima, elegante poeta, autor de *Ritmo essencial*, vai à Casa de Juvenal Galeno discorrer sobre o tema: “A poesia e a guerra”, Raymond Warnier, adido cultural à Embaixada da França, fala sobre “A literatura francesa entre duas guerras”. Jean Pierre Chablotz, morando em Fortaleza, chama a atenção do público, em palestra, para o exercício artístico. Mas, indiscutivelmente, o conferencista do ano, arrebatador e estuante de talento, é Gilberto Freire. No Teatro José de Alencar, a 29 de agosto de 1944, louva o espírito cearense com a conferência “Precisa-se do Ceará”.

Ainda nesse ano Parsifal Barroso ocupa-se de Bergson em conferência que contou com grande afluência de audientes.

Em 1945 circula a revista *Capital e Trabalho*, dirigida pelo Dr. Aderbal Freire. Regressam, sob aplausos, os expedicionários cearenses.

A Livreria Aequitas patrocina o II Salão de Abril, mostra de pintura a exhibir expressivos artistas plásticos. Monte Arrais discorre, para numeroso público, sobre “Os Pródromos da Civilização Brasileira”. Dom Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza, visita os estabelecimentos fabris, pregando para operários. O Ceará assiste ao desenrolar do programa da Semana Social. Na oportunidade o Pe. Arquimedes Bruno, orador culto, é escolhido pregador da “Páscoa dos Intelectuais”. Luís Sucupira insere-se na Semana So-

cial dizendo conferência, para explicar “Princípios Católicos de Ação Cívica”.

No ano em que se publica o livro de Abdias Lima, 1946, não cessa o ciclo de conferências, procedimento literário em moda. Dessa forma Martins d’Alvarez aborda um tema político em curso: “Proletários e Burgueses na Poesia”. O General Onofre Muniz Gomes de Lima relembra a poesia de Juvenal Galeno e Rubens de Azevedo disserta sobre o tema “Uma Viagem Sideral”.

Esse ano pode ser considerado um dos mais movimentados, nos últimos tempos, para a cultura cearense. Orígenes Lessa vem a Fortaleza para participar do I Congresso Cearense de Escritores, conclave que se realiza com significativa presença de intelectuais, de 7 a 12 de setembro. E todos ainda se sentem lembrados do Congresso de Poesia, de 1942...

Essa rememoração última, até esse ponto, para mencionar que ninguém podia, a esses dias, dar-se por desinformado da movimentação, para melhor, da atividade literária do Ceará. Mas, de forma inexplicável, a maioria dos depoentes da enquete de Abdias Lima parecia morar noutro lugar, tão distante se mostrava dos acontecimentos culturais do que, por então, se empenhavam com novas e aplaudidas iniciativas de cunho quer literário quer artístico.

Fica, nossa, a idéia final de que Hermínio Araújo e Luís Sucupira, para citar apenas dois dos que mais fustigam a renovação literária dos anos quarenta, haviam deixado de acompanhar o movimento literário do país (e talvez do mundo), e, por opção, estacionados no tempo, perseveravam fiéis admiradores de escritores e pensadores que julgavam insubstituíveis em suas preferências.

Sondagem de opiniões, nesses moldes, se repetida agora, para possível avaliação dos pósteros, talvez no futuro venha também surpreender.